

# 12.

## ELA VAI CAIR: O FIM DA MONARQUIA NO BRASIL

A sangrenta Guerra do Paraguai (1865-70) demarca o apogeu, mas também o início da decadência do Império.

Nas décadas de 1840 e 1850, o Brasil manteve a tradição belicista iniciada por d. João VI e interveio em sucessivos conflitos na região do rio da Prata. Mas “La Guerra Grande” (como é conhecida no Paraguai) mobilizou forças militares de tamanho e poder de fogo jamais vistos na América do Sul. Cerca de 1 milhão de paraguaios foi exterminado pelos exércitos e marinhas do Brasil, Argentina e Uruguai, que também sofreram baixas consideráveis.

Os custos foram imensos e abalaram os bolsos do Império, assim como as mortes (de paraguaios e brasileiros) fizeram com que o final da guerra fosse marcado por muitas críticas internas. Por outro lado, os enormes gastos provocados por esse combate que parecia ser breve, mas se arrastou por cinco longos anos, terminou por combalir as finanças do Estado. Formaram-se novos grupos de oposição ao Império. Muitos militares que lutaram no Paraguai passaram a se considerar atores políticos incontornáveis e aderiram aos ideais republicanos, acompanhados por uma parcela significativa dos ricos cafeicultores paulistas, que se sentiam alijados do comando do Estado. O movimento pelo fim da monarquia ganhava força na mesma razão em que cresciam as pressões abolicionistas, e o trabalho escravo urbano e rural era aos poucos substituído pela mão de obra assalariada. O imperador, cada vez mais ausente e muito desmoralizado, deixou de ser visto como símbolo e garantia da unidade nacional.



12.1. *De volta do Paraguai*, litografia de Angelo Agostini, ilustração da revista *Vida Fluminense*, 1870.\*

Em 1888, a abolição da escravatura pela princesa regente (d. Pedro II viajava pela Europa) custou a perda do apoio das elites escravocratas ao regime imperial e acelerou a queda da monarquia, que sobreviveu apenas dezoito meses aos festejos do Treze de Maio. Em 15 de novembro de 1889, o comandante supremo do Exército imperial, marechal Deodoro da Fonseca, proclamou a República no quartel-general do Rio de Janeiro. A família imperial foi exilada. Mas não houve violência: na verdade, d. Pedro e sua família partiram de madrugada, tão temerosos que estavam os novos regentes, com medo de reações populares.

No plano da cultura, o destaque desse período é sem dúvida Machado de Assis, mestiço carioca que no limiar do século XX era a maior referência literária do país, e hoje é considerado nosso maior romancista do século XIX.

\* As legendas interpretativas das autoras estão no final deste capítulo.

## ATIVIDADES PROPOSTAS

1. A Guerra do Paraguai, de início, parecia breve. Mas foi longa, violenta e cara ao Brasil, gerando crises e críticas ao governo. As dívidas e o sangue derramado pela “tríplice infâmia” atrapalharam os planos de lograr um Terceiro Reinado. A guerra abalou as relações com o Exército e também abriu caminho para o abolicionismo. Depois da abolição nos Estados Unidos, Cuba e Brasil eram os únicos a admitir tal sistema.

Sobre esse tema, proponha as seguintes atividades:

- a. Indicar as crises geradas pela guerra nas relações entre o Império e o Exército;
  - b. Pesquisar quem foi Angelo Agostini e discutir a importância e a contundência da caricatura “De volta do Paraguai”, imagem 12.1. (imagem 77 do livro), considerando as polêmicas da época acerca da presença e da liberdade lograda por ex-escravizados que combateram na Guerra do Paraguai;
  - c. Identificar as consequências econômicas da Guerra do Paraguai para o Império do Brasil.
2. O Manifesto Republicano, publicado em 1870, representou — a despeito do seu caráter conservador e de não mencionar o final do sistema escravocrata — o início de um novo momento para o Brasil, quem sabe coadunado com o que ocorria entre os vizinhos e em boa parte dos governos ocidentais. Com base na leitura do subcapítulo “Partido Republicano: federalismo sim, abolição melhor não mencionar” (pp. 301-2), proponha aos alunos uma conversa na qual procurem identificar em que medida a república simbolizava esse novo período. Quais estímulos e evidências confirmavam esse discurso? Quais eram as bases do Partido Republicano? Quem o formava? Quais eram suas plataformas? Por que o manifesto falava em liberdade e não mencionava a abolição do sistema escravocrata?
  3. A Lei Áurea, de 1888, acabava oficialmente com a escravidão no Brasil. Assinado pela princesa Isabel, o decreto chama a atenção e desperta a curiosidade por alguns aspectos: o texto curto, a assertividade breve, a falta de modelos que incluíssem a população recém-liberta e até mesmo sua assinatura. Leia-a abaixo (disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LIM/LIM3353.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM3353.htm)>):

Lei nº 3.353 de 13 de maio de 1888

Declaro extinta a escravidão no Brasil

A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembleia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

O secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comercio e Obras Publicas e interino dos Negócios Estrangeiros, Bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de sua Majestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, 67ª da Independência e do Império.

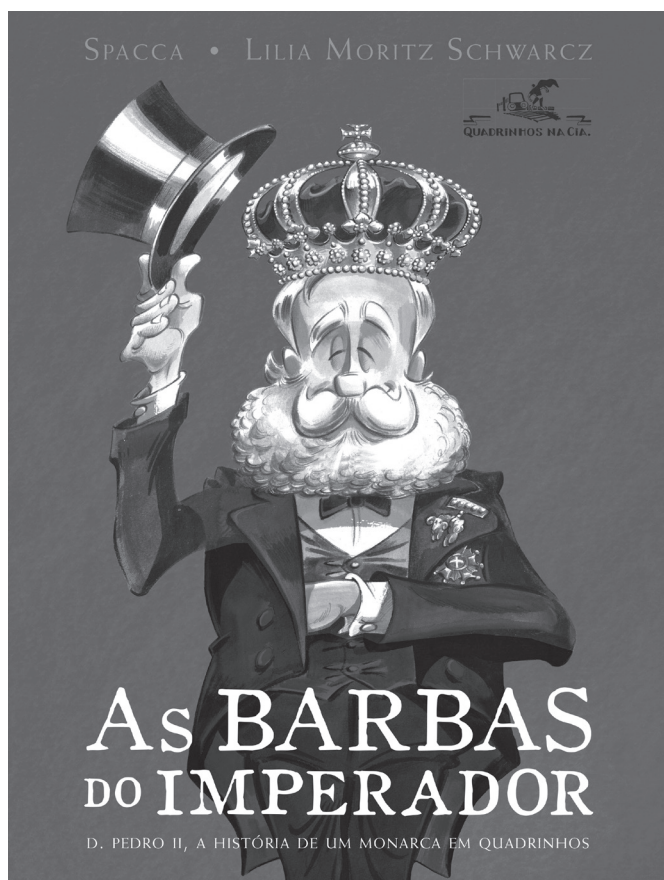
Princesa Imperial Regente

Tendo essa lei em mente, proponha aos alunos as seguintes discussões:

- a. Quais foram as várias leis que construíram e desenharam um lento e gradual processo abolicionista? Por que as leis que punham fim à escravidão foram aplicadas com tantos intervalos e de maneira tão conservadora?;
  - b. Quais impactos o fim da escravidão traria para as relações entre o Império e os proprietários de terras?;
  - c. Qual foi a reação da população brasileira à abolição? Em que medida essa declaração representava um projeto de continuidade do Império e, ao mesmo tempo, em que medida acelerou seu fim?;
  - d. A Lei Áurea aboliu um sistema já extinto. Descreva um dos vários movimentos de escravizados que haviam eclodido pelo país;
  - e. Quais foram as consequências da lei para os recém-libertos? Quais relações podem ser estabelecidas entre a Lei Áurea e a situação atual dos descendentes de africanos?;
  - f. Por que ao final da abolição foram criadas teorias raciais no Brasil que determinam “que os homens não são biologicamente iguais”?
4. Observe com os alunos a ilustração criada por Spacca e Lilia Moritz Schwarcz para a capa da versão em quadrinhos do livro *As barbas do imperador*.

A ilustração mostra o momento em que Pedro II quer tirar a coroa e vestir a cartola de cidadão — ou quer manter tudo ao mesmo tempo —, comportamento que representa um sério dilema vivenciado pelo imperador e, conseqüentemente, pelos seus governados e governantes. Leia também com os alunos um trecho do diário de d. Pedro citado por José Murilo de Carvalho na p. 77 do livro *Pedro II — Ser ou não ser*, da coleção *Perfis Brasileiros* (Companhia das Letras):

Nasci para consagrar-me às letras e às ciências, e, a ocupar posição política, preferia a de presidente da República ou ministro à de imperador. Se ao menos meu Pai imperasse ainda estaria eu há onze anos com assento no Senado e teria viajado pelo mundo.



12.2. Imagem de capa do livro *As barbas do imperador: D. Pedro II, a história de um monarca em quadrinhos*, Lilia Moritz Schwarcz e Spacca, 2014.

O desenvolvimento da crise do Segundo Reinado, somado às tantas novas ideias do século XIX, deixavam a monarquia e seus símbolos fora de moda. Divida a turma em grupos e peça que analisem criticamente as seguintes questões:

- a. Dos muitos problemas experimentados no fim do Segundo Reinado, qual dilema é registrado na ilustração acima?;
- b. Em meio à crise, e tentando escapar dessa conjuntura, Pedro II aproveitou seus últimos anos como imperador e passou a viajar pelo mundo. Quais roteiros internacionais ele e a comitiva imperial realizaram e por quais motivos? Que tipo de imagem o monarca procurava criar quando estava no exterior?;
- c. A nova fragilidade da imagem do imperador estaria vinculada ao descenso do seu governo? Quais grupos representavam esse descenso?

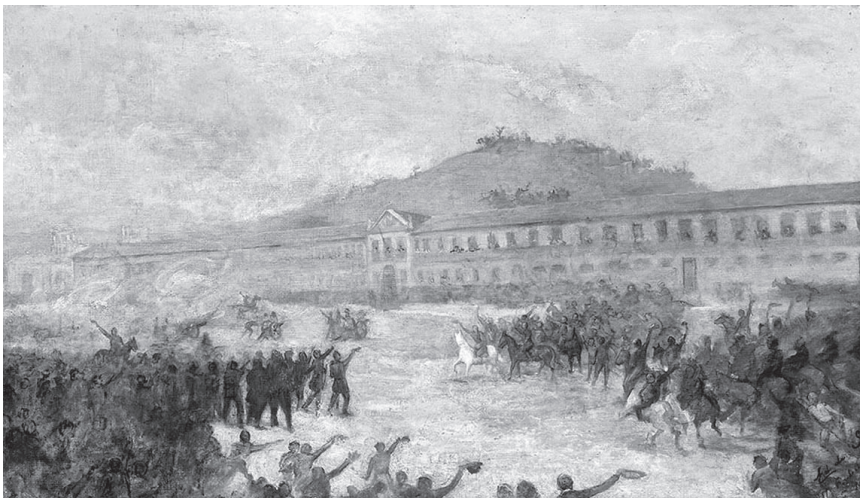
5. A história é feita de memória e esquecimento. E nada é fruto do acaso — há sempre muita determinação no esquecimento. As imagens a seguir são clássicas produções do século XIX. A primeira (imagem 12.2. e 55 do livro) destaca como elemento central da cena o pai de Pedro II, na ocasião o primeiro imperador do Brasil, Pedro I. Nesse caso, o imortal era o Brasil independente. Tudo é imaginado por Pedro Américo: o cenário



grandioso, o povo que observa a cena, a tropa uniformizada, até a geografia é alterada unindo-se o morro e as margens do rio Ipiranga. A segunda (imagem 12.4. e 82 do livro), por sua vez, procurou eternizar a proclamação da República, que oficialmente punha fim à monarquia e expulsava Pedro II e sua família do Brasil. A cena procura mostrar uma aclamação popular à República, pacífica e unificada.



12.3. *Independência ou morte* ou *O grito do Ipiranga*, óleo sobre tela de Pedro Américo de Figueiredo e Melo, 1888.



12.4. *Proclamação da República no campo de Santana*, óleo sobre tela de Eduardo de Sá, 1889.

Examine com os alunos cada uma dessas imagens e, depois, passe a compará-las buscando analisar a forma escolhida para representar o evento histórico; observe quais são as diferenças e semelhanças entre essas representações. Peça, ainda, que atentem para a autoria das telas, a data de produção das pinturas, o contexto no qual foram criadas e sua recepção. Na análise, levante com eles os fatos históricos que envolvem os dois eventos e a maneira como foram representados. Depois de realizada “essa leitura das

imagens”, proponha uma discussão na classe: qual é a função de imagens como essas no imaginário popular e na formação da história oficial das nações?

## LEGENDAS INTERPRETATIVAS DAS AUTORAS

12.1. Com o prolongamento e a impopularidade da Guerra, a tropa brasileira viu seu efetivo diminuir; até que, em 1866, o governo imperial obrigou cada província a enviar 1% de sua população ao conflito. Para escapar da convocação, os proprietários trocaram de lugar com seus escravos — prometiam alforria imediata. Porém, logo que voltaram ao Brasil, os libertos se depararam com a mesma realidade escravocrata. O desenhista italiano Angelo Agostini (1843-1910), o mais influente cartunista durante o Segundo Reinado, iniciou sua carreira no contexto dos primeiros embates dessa guerra, em 1865. Abolicionista, denunciou a violência do sistema.

12.2. Na capa, elaborada especialmente pelo quadrinista Spacca, vemos a simulação de Pedro II no momento em que ele disfarça a coroa por debaixo da cartola.

12.3. O mais famoso quadro sobre a Independência do Brasil foi concluído apenas nos anos de Pedro II, no ocaso do Império brasileiro: em 1888. Vivendo um momento de crise, o monarca buscou recuperar a magnitude do ato da emancipação e a figura do pai, Pedro I, encomendando a Pedro Américo (1834-1905) — um dos seus artistas protegidos e financiados pelo Estado — uma cena engrandecedora. Nada corresponde à realidade: as vestes de Pedro I e da corte, a quantidade de gente, o riacho do Ipiranga (devidamente aproximado), e até a colina mais elevada, cuja inspiração veio de um quadro de Ernest Meissonier, *Batalha de Friedland*, em homenagem a Napoleão Bonaparte e seu exército. Em nome da pátria, Américo assassinou a geografia.

12.4. Na manhã de 15 de novembro de 1889, os militares que conspiravam pela República se dirigiram ao Campo de Santana, no Rio de Janeiro, dispostos a derrubar o Império. Não houve atos heroicos, e o povo ficou de fora do roteiro. Os militares marcharam até o Paço Imperial e destituíram o presidente do gabinete ministerial. À noite, Pedro II foi informado do golpe que proclamou a República. Na tela, porém, uma multidão, que jamais existiu, aclama o feito grandioso do marechal Deodoro da Fonseca, montado num fozoso cavalo branco e erguendo a espada, símbolo da ação militar. Nada como perpetuar o que acabava de nascer e era ainda imprevisível em seu destino.